

01

Carlos Nuno Lacerda Lopes

Arquitectura e modos de habitar
Conversas com arquitectos

EDUARDO SOUTO MOURA

“(...) As casas são como as pessoas. A frase é banal, outras são mais rebuscadas. Mas é uma espécie de segunda pele. Quer dizer, as pessoas têm uma alma interior, mas também têm uma alma exterior. Não é por acaso que, quando eu faço assim ou assim, estou a incomodar-te e não te estou a tocar. Portanto, há uma atmosfera, uma energia em que as pessoas se revêem na sua identidade. Quer no corpo, quer na roupa, quer nas casas. Portanto, as casas são como as pessoas: diferentes, manipuláveis, mexem-se.”

01

Carlos Nuno Lacerda Lopes

**Arquitectura e modos de habitar
Conversas com arquitectos**

**EDUARDO
SOUTO MOURA**

NOTA PRÉVIA

Arquitectura e Modos de Habitar | Conversas com Arquitectos

A edição deste livro é produzida através dos trabalhos realizados no Centro de Inovação em Arquitectura e Modos de Habitar (CIAMH), integrado no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

O CIAMH actua preferencialmente como um observatório sobre os fenómenos de inovação na arquitectura centrada nos novos modos de projectar, novos modos de construir e novos modos de habitar os espaços arquitectónicos na contemporaneidade. Tem como foco de estudo a Arquitectura segundo três linhas de investigação que se procuram interligar com vista à compreensão dos fenómenos contemporâneos da produção arquitectónica na sua relação com (i) o projecto e com as novas metodologias de concepção, (ii) com a construção e a introdução de novas e velhas tecnologias, materiais e processos construtivos, e, por fim, (iii) com a compreensão dos fenómenos de utilização, ocupação e adaptação desta arquitectura aos modos de vida nas suas complexas realidades, quer geográficas e urbanas, quer políticas e sociais, quer tecnológicas e materiais, ou seja, com a realidade múltipla que nos conforma e que a Arquitectura também forma.

A colecção que decidimos agora editar tem por base um conjunto de entrevistas, conversas e reflexões com alguns dos mais representativos arquitectos da mais reconhecida escola de arquitectura portuguesa, geralmente referida como “Escola do Porto” que, mais do que um local de ensino, designa sobretudo um modo especial de ver o mundo, de estar no mundo e, sobretudo, de actuar e construir esse mundo.

Este é apenas um exemplar desta colecção e nessa medida é, tão-somente, um elo de uma cadeia maior que ganhará outra identidade e expressão numa leitura global que convidamos o leitor a realizar. Diríamos que é uma parte de um discurso que se deve compreender no seu todo, de modo a enquadrar melhor os fenómenos da criação, da construção e da produção da arquitectura através das palavras de alguns dos seus protagonistas, os seus autores e assim podermos perceber as variantes e invariantes de um modo de ver e de fazer arquitectura no início do séc. XXI em Portugal.

Deste modo, procuramos cumprir um dos objectivos presentes em qualquer trabalho científico: o de promover, partilhar, divulgar e, sobretudo, disseminar, para além do conhecimento produzido, as conclusões, os dados obtidos ou, tão apenas, o material recolhido. Num primeiro olhar, é exactamente disto que se trata: divulgar, dar a conhecer, permitir que outros desenvolvam e aprofundem as suas pesquisas e os seus modos de ver a Arquitectura que Portugal, em dado momento, realizou sem qualquer interferência ou interpretação.

O que pensam os nossos arquitectos, como vivem, como são as suas casas e como se relacionam com a profissão, com as obras que produzem e como as produziram, como eram e são os seus clientes, o que lhes pediam, como resolviam os seus problemas e, sobretudo, como participam e se interligam com a sociedade, são alguns dos temas que estas conversas visitam sem subterfúgios e em discurso directo.

O facto de muitas destas entrevistas terem sido realizadas há quase uma década, com alguns nomes de referência no panorama da arquitectura nacional, e alguns deles já não se encontrarem entre nós, reforça o valor e a importância documental deste trabalho, permitindo um distanciamento esclarecedor que o tempo já ajudou a filtrar.

Ao longo destas páginas e desta pequena colecção procuramos compreender o processo evolutivo da construção de um ideal de arquitectura, de profissão, de sociedade e de escola que, de um modo claro e objectivo, estas “conversas com arquitectos” nos oferecem, tendo por base uma reflexão pessoal e aberta sobre a arquitectura e os modos de habitar e construir Portugal no início de um novo século que se adivinhava portador de novos e complexos desafios à sociedade e à arquitectura.

Talvez por isso, a pertinência desta colecção que nos permite esclarecer e entender as inquietações teóricas e práticas bem como as circunstâncias que fundamentam a arquitectura portuguesa dos dias de hoje.

INTRODUÇÃO

Eduardo Souto Moura, ideias sólidas

Recordo a dificuldade de agenda para a marcação desta entrevista. Várias vezes foi adiada, sempre por motivos profissionais, demonstrando bem o tempo de azáfama, de desenvolvimento e da proficiente actividade profissional que Eduardo Souto Moura registava no seu dia-a-dia, anos atrás.

Foi um tempo de grande produção e de grandes encomendas, públicas e privadas. Tempos de excepção, dizemos nós agora. Eduardo Souto Moura era, neste quadro, também um arquitecto de excepção. Uma figura conhecida no panorama da arquitectura nacional e nesse processo era crescente o número de solicitações nacionais e as encomendas internacionais começavam a ganhar cada vez maior expressão.

A sua visão da arquitectura, o seu processo de conceber, o seu desenho “moderno e actual” (como se dizia nos media) associado ao sentido de geração e ao facto de também se assumir como uma “alternativa”, articulado com o facto de a sua arquitectura se aproximar de um gosto mais internacional, trouxeram uma visibilidade e uma procura que transformaram um simples escritório de arquitectura num projecto maior, empresarial, com um “edifício” dedicado.

Dos clientes privados desejosos de casas intemporais e “*sexy`s*”, aos políticos que necessitavam de obras com assinatura para a sua promoção, até aos empreiteiros que precisavam de notoriedade para otimizar vendas, Eduardo Souto Moura foi encontrando um pouco de tudo neste seu percurso de transformação e de evolução sem que, no entanto, a sua obra e a sua visão disciplinar fossem colocadas em questão.

Pelo contrário, Eduardo Souto Moura sempre soube acrescentar reflexão, segurança, capacidade de decisão, diferenciação e, sobretudo, precisão à sua arquitectura. Tudo, num ideal de uma aparente serenidade que a sua arquitectura de planos fixos e longos reinventava, sobretudo para o grande público que se rendia apaixonado pelas suas obras diferentes e libertas da “caixa fechada” que as suas habitações unifamiliares exprimiam, diríamos quase revolucionariamente, em aparente contradição com uma “escola” que bem conhecia, a sua.

Mas terá sido a crescente adesão dos jovens arquitectos que se identificaram com a linguagem poética de uma arquitectura de grande racionalidade e clareza onde a lógica do discurso e análise ofereciam novas soluções para o projecto que se tornava mais inteligente e, por isso, preciso em oposição a um outro modo de conceber, assente num desenho prospectivo e de aproximação à forma e à solução por um processo libertador aparentemente sem mestre, sem querer copiar ou sequer citar.

Podemos dizer que assim não aconteceu com o seu trabalho e, de um modo acrítico, foi-se generalizando um

processo de disseminação e de vulgarização de um desenho que as inúmeras cidades foram integrando mimeticamente, como se de uma praga se tratasse em múltiplas urbanizações e diversificadas construções.

Nesta entrevista, Eduardo Souto Moura diz-nos que este processo muitas vezes o deixou perplexo e que, por vezes, lhe apeteceu ir a certas obras corrigir os erros que outros cometeram e que ainda cometem na semelhança que propõem e que não terão compreendido o desenho, a proporção, o que justificou esta ou aquela opção, e não apenas a forma que no final é o que menos lhe (e nos) interessa.

Percebemos ao longo destas linhas a importância que atribui ao pensamento, à filosofia e à capacidade de tornar abstracto o que se procura resolver em concreto.

O sentido de abstracção é tão apenas um resultado de uma permanente observação da realidade que procura interpretar para se libertar de formalizações, de estratégias figurativas e de semelhanças com o que de melhor se faz por cá.

Por isso, nos diz que as suas referências são longínquas, quer no tempo quer no espaço, são mais ligadas a Chicago que ao Minho, apesar de preferir trabalhar mais perto, em Portugal, do que longe, no estrangeiro. Pelo menos, enquanto houver trabalho, disse.

Do seu discurso, gostaríamos de salientar três aspectos que consideramos relevantes: o sentido do projecto e o gosto pela obra; a objectividade do seu discurso e o pragmatismo da resposta; e a clareza da sua visão, que segue de

um modo coerente e singular e que verte em continuidade para a sua arquitectura. Ou seja, a coerência entre o que se diz, o que se procura e o que se faz.

Esta entrevista situa a conversa num plano onde não é intenção teorizar acerca das questões disciplinares da Arquitectura mas tão apenas abordar as questões do método, dos processos e modos de fazer e conceber a arquitectura vista pelo lado de dentro, de quem tem problemas para resolver, o que fez e o que faz para os resolver e, sobretudo, como vê os seus processos, estratégias e os resultados obtidos.

Trata-se, por conseguinte, de um convite para conhecermos melhor o arquitecto, para além da obra e dos seus registos gráficos, como pessoa e como profissional, com responsabilidades acrescidas de quem cria soluções intemporais que espelham esta nossa contemporaneidade.

Escrevemos já que Eduardo Souto Moura é um arquitecto distinto, um arquitecto que sonha como ninguém encontrar um racional para não ter de repetidamente justificar a sua arquitectura, construída através de uma materialidade com base num grande processo de reflexão, abstracção e de decisão.

Uma arquitectura que permanentemente nos fala do local e do global, do passado e do futuro, da boa e da má consciência que nos habita e das diferentes narrativas que o discurso da arquitectura contemporânea nos revela, sem qualquer hesitação, sem dúvida aparente, sem necessidade de muitas palavras, mais orientado para a acção do que para o “palavrear” português que Moneo evidenciou a propósito da genialidade de Pessoa e que Siza poeticamente

celebra nas suas obras cada vez mais universais e, por isso, também mais portuguesas.

Por isso, mais do que a excelência da sua arquitectura, da “limpeza” das suas obras, mais do que a sua grande capacidade intelectual, profissional e técnica que o distancia de tantos outros, que se encontram como ele na primeira linha da arquitectura mundial, gostaria de sublinhar este facto pouco referido, que é relevante para a arquitectura portuguesa, para o Porto, para a nossa escola, para a nossa cada vez mais global Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ou, numa palavra, para o nosso futuro que se constrói sobre fortes pilares de conhecimento, criatividade e inovação que, entre outros, Eduardo Souto Moura edificou.

Tudo isto poderemos perceber e testemunhar ao longo de uma conversa que o tempo não fez esquecer. Uma década passada, percebemos quanto actual se mantêm estas palavras que agora importa recuperar e divulgar. Este discurso exalta bem o carácter pertinente da sua visão disciplinar que aqui nos oferece, uma ideia de rigor, de objectividade, de clareza descritiva e projectiva que, de um modo breve e directo, não deixa de ser exemplar.

Porto, Junho de 2012

Carlos Nuno Lacerda Lopes